



---

**ANALISE DOS ASPECTOS SOCIAIS DA OBRA: BULA PARA UMA VIDA  
INADEQUADA DE YURI AL'HANATI**

**ANALYSIS OF THE WORK'S SOCIAL ASPECTS: PACKAGE INSERT FOR NA  
INADEQUATE LIFE BY YURI AL'HANATI**

**Dinair Iolanda da Silva Natal.<sup>1</sup>**  
**Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alcaraz.<sup>2</sup>**

FILIAÇÃO: Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE

<sup>1</sup> Discente do Curso de doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade  
– UNIANDRADE, Curitiba, Brasil.

<sup>2</sup> Docente do curso de doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade,  
– UNIANDRADE, Curitiba, Brasil.

E-mail: [dinair.natal@unespar.edu.br](mailto:dinair.natal@unespar.edu.br)

---

**RESUMO**

Neste trabalho é um estudo da obra *Bula para uma vida inadequada* (2019), de Yuri Al'Hanati. Com foco principal a acerca das possibilidades dos aspectos sociais do conceito de “Excedente de visão” no processo de produção estética do teórico Bakhtin. Discutiremos também o conceito de autoficção, um dos elementos construtores de crônicas. Esses dois conceitos, deixam um esboço da filosofia do estranhamento interligados pela perspectiva individualista que trabalha na constituição do sujeito e da própria linguagem que celebra a solidão. O objetivo nas crônicas, serão dar os acabamentos, que trazem o necessário ao eu, e o adequar em sua condição social, que age de acordo com suas convicções, sejam elas verdadeiras ou falsas. A estética nos discursos desta obra de Al'Hanati constroem cenas que estão totalmente povoados de discursos entre a vontade de estar só, e são construídas através de observação, do estar junto, de maneira direta ou indireta.

**Palavras-chave:** Crônica. Yuri Al' Hanati. Excedente de Visão. Bakhtin. Estética.

**ABSTRACT**

This work is a study of the book "*Bula para uma vida inadequada*" (2019) by Yuri Al' Hanati. With a focus on the social aspects of the concept of "Excess of Vision" in the aesthetic production process of the theorist Bakhtin. We will also discuss the concept of autofiction, one of the constructing elements of chronicles. These two concepts provide an outline of the philosophy of estrangement intertwined by the individualistic perspective that works in the constitution of the subject and the language itself that celebrates solitude. The objective in the chronicles is to provide the necessary finishing touches that are suitable for the self and align with it social condition, which acts according to its convictions, whether true or false. The aesthetics in the discourses of Al' Hanati's work construct scenes that are entirely populated by discourses between the desire to be alone and are built through observation, being together, whether directly or indirectly.

**Keywords:** Chronicle. Yuri Al' Hanati. Excess of Vision. Bakhtin. Aesthetics.



## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo mobiliza as crônicas da obra *Bula de uma vida inadequada*, do autor Yuri Al'Hanati, durante o ano de 2021, quando ficou entre os cinco finalistas do prêmio Jabuti, nascido em 1986, na Praia Brava distrito de Angra dos Reis - Rio de Janeiro, era bisneto de Silvano Solomon Alhanati, um judeu poliglota, que saiu da Grécia e chegou no Rio de Janeiro em meados dos anos 20. Hoje aos 35 anos, Yuri vive em Curitiba desde de 2004. Mais recentemente seu interesse inclui escrever para o portal A Escotilha, é crítico literário e criador do Portal Livrada desde 2010, sommelier, cartunista, baixista de uma banda e um cronista que sabe dominar com perfeição o que observa de sua janela do seu quarto, um pequeno panorama no último andar do prédio, e também desenvolve inspirações ao realizar viagens, explorando países, como: Stambul, Belgica, Jonesburgo, Riga e Moscou, nesta perspectiva ao considerar os aspectos sociais dos indivíduos. Para Bakhtin um estudo sobre os valores dos indivíduos:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2011, p. 23).

Esse estudo, mencionado por Bakhtin, se refere a um processo de criação estética os valores dos aspectos sociais, ao considerar a pesquisa em ciências humanas. Onde o pesquisador observador se coloca no lugar do outro dentro de sua própria visão. Mesmo sendo limitado a uma única visão, busca em cada indivíduo seus limites. Segundo o autor Yuri, quando mais jovem, mencionou que possuía uma certa dificuldade em algumas escritas, explanou em uma entrevista para a *youtuber* Tamy: “após algumas tentativas de escrita de ficção Al'Hanati, quando mais jovem, parecia estranho e não era natural. Por sua vez a crônica lhe dava uma abertura maior. Uma

narrativa que compreende o estranhamento do mundo desde a minha casa” (AL'Hanati, 2019).

A *Bula de uma vida inadequada* é uma coletânea que reúne crônicas que já foram publicadas no portal A Escotilha, que tiveram seu início no mês de abril de 2015 a fevereiro de 2019. O autor Yuri Al'Hanati manteve-se na coluna de crônicas semanais. Ao pesquisar sua obra houve um recorte, deixou-se na pesquisa apenas as crônicas que são inéditas, as crônicas do regresso como; “Natal na fazenda”, “O som do silêncio”, “Quando eu era o inferno”, “A sinédoque da soneca”, “Beber a própria solidão”, “Janela para o real” e “Distância”. Essas sete crônicas em especial se baseou na temática de tipos de inadequação, tipos de solitário com estranhamento da família, do mundo, aos tipos de aspectos sociais. O termo aspectos sociais no conceito de “Excedente de visão”, na obra de *Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975)*, em sua obra, *Estética da Criação Verbal*:

A utilização negativa dos elementos transcendentais, isto é, do excedente de visão, de conhecimento e de valores, tal como é praticada na sátira e no cômico (não no humorismo, claro), é condicionada pelo peso excepcional que uma vida confere, em seu interior, aos seus valores (moral, social, etc.) e pela diminuição do peso (até mesmo a desvalorização total) de valores dado à exotopia, [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 218).

A pesquisa permite pensar que podemos perceber através desse conceito à exotopia, a abertura do olhar do autor a partir de um lugar expiatório, pode realizar o excedente de visão e ser referente à interação social ativa e responder de forma negativa ou positiva dos participantes que a constituem, e o eu por meio do olhar do outro, assim, para Bakhtin:

[...] pela perda de tudo o que fundamentava e firmava a posição exotópica e, conseqüentemente, do que fundamentava a exterioridade da vida fora do sentido; essa exotopia situada fora do sentido torna-se absurda e recebe uma forma negativa no que tange ao sentido possível, não estético (num processo positivo de acabamento, a exterioridade fundamentada fora do sentido adquire valor estético), torna-se uma força que



desmascara. (BAKHTIN, 2011, p. 218).

Um lugar privilegiado que impulsiona o que vê o lugar do outro. Por oportuno, e aparentemente julgar que, na concepção de Bakhtin (1990), trata-se uma narrativa autobiográfica, assim, discutiremos também o conceito de autobiografia da obra do autor Phelippe Lejeune, *O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet* (2014), Lejeune vem, atraindo para as diversas manifestações na intenção de honrar a assinatura:

Uma ficção autobiográfica pode ser “exata – o personagem se parece com o autor – e uma autobiografia pode ser “inexata” – o personagem apresentado difere do autor. Essas são questões de fato (deixemos de lado a questão de saber quem irá julgar quanto a essa semelhança e como) que não influem nas questões de direito, ou seja, no tipo de contrato estabelecido entre o autor e o leitor. (LEJEUNE, 2014, p. 31).

Um dos elementos do construtor de crônicas, é a importância do contrato determinado pelo leitor, com excedente de visão e conhecimento, exige dois conceitos, deixam um esboço da filosofia do estranhamento interligados pela perspectiva individualista que constitui o sujeito a sua própria visão. Se a autobiografia não se trata de um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, que procura as rupturas do contrato, ao escrever uma autobiografia e ficção, o autor precisa se deslocar, se posicionar do lado externo dos limites da verdade e tornar-se um observador e participante em relação a si próprio, e necessita olhar-se com um certo excedente de visão no aspecto social, “numa concepção social da humanidade, o que constitui o centro dos valores são os valores sociais e, acima de tudo, familiares [...], que organizam a vida privada e familiar em seu dia a dia, em seus pormenores rotineiros, cotidianos (o comum e não o incomum)” (BAKHTIN, 2011, p. 175).

## 2. UM MÉTODO QUE SE DEFINE PELA NEGAÇÃO

Uma crônica segundo o Antônio Candido (2003), ela se ajusta às sensibilidades

do dia a dia ao elaborar uma linguagem que conversa de perto com o nosso modo de ser mais natural. Mas antes de chegar implica dizer que Al'Hanati cria novos sentidos a partir de sua visão de mundo. Segundo Luís Henrique Pellanda o cronista Al'Hanati, mostra-se um escritor que “se move e se atocaia” ao julgar seu livro de estreia:

Estamos falando de um cronista que se define pela negação. De sua janela, no último andar de um edifício isolado em Curitiba, o autor simplesmente constata, sem descambar para o cinismo, que ‘tem uma vista’. Ou melhor, que tudo que tem é esta ‘vista impessoal’, onde nada está sob sua influência, onde nada se move em sua direção, a não ser a tempestade e um outro trem obsoleto. (PELLANDA citado em AL'HANATI, 2019, p. 8).

Cabe ainda destacar que Pellanda o denomina como um escritor que escreve sobre seu mal-estar, um autor que nada ao seu redor. O caracteriza pela busca do interior de si mesmo ao fechar a janela de seu quarto. Segundo João Wanderley Geraldí, o outro tem “uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele.” (2003, p.16) Enquanto para Bakhtin traz a observação que é no excedente de minha visão, quando correlaciona com o outro, instaurando em uma esfera particular das minhas próprias atividades, justifica-se um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso interpretar a respeito da visão do outro e que se completam justamente onde não pode completar.

Isso acontece por oportuno, e aparentemente julgar que na concepção de Bakhtin (1990), uma narrativa autobiográfica exige um autor criador com excedente de visão que se desenvolve, exige duas consciências não coincidentes. Se a autobiografia não se trata de um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, pronunciado de um evento da vida vivida.

Na leitura de Lejeune (2014), mostra-nos que ao escrever sobre autobiografia, o escritor define como uma narrativa em prosa que uma pessoa real, sobre a própria vida, faz de sua existência que precisa se deslocar, se posicionar do lado externo dos limites de sua história individual, tornando-se um observador em



relação a si mesmo, isto é, precisa se olhar com um certo excedente de visão e conhecimento:

O trabalho dos olhos que veem combina-se aqui com um processo muito complexo do pensamento. Quaisquer que sejam, porém, o nível de profundidade e o grau de generalização desse processo cognitivo, este nunca se separa totalmente do trabalho a que se dedicam os olhos, não se separa do indício sensível e concreto, não se separa da palavra viva e imaginativa. (BAKHTIN, 2011, p. 244).

A visão da escrita como na vida, não que, estas observações de Al'Hanati sejam necessariamente negativas, por descreverem vidas inadequadas, onde entram no tato que constroem como cenas sobre fenômenos com entendimento comum junto ao leitor de “um cronista no ermo”. (PELLANDA citado em AL'HANATI, 2019, p. 9). A ideia de um homem se adapta com a sua vivencia, sua condição social, que sintoniza com suas experiências. Tanto que “a linguagem comunica as expectativas essenciais linguísticas das coisas; mas suas essências espirituais só são comunicadas na medida que se encontrem imediatamente encerradas em sua essência linguística, na medida em que elas sejam comunicáveis” (BENJAMIN, 2011, p.53).

A crônica se define para Yuri um traço expositivo dos tempos de passagens como: na casa – “Eles estão lá”, “eu estou aqui”, na rua – “Banheiro de rodoviária”, “O vendedor de abacaxi”, as pessoas – “Meu nome não é Cleber”, “A vida dos outros”, no exterior – “Santa Milena”, “Atatürk”, “A hospitalidade russa”, o regresso – “Natal na fazenda”, a solidão – “O vício de ficar sozinho”, “Beber a própria solidão”, “Distância”. E parece que de um certo modo o cronista sempre volta ao processo de busca interior no seu modo de ser.

## **2.1. Onde me encontro com o eu**

### **2.1.1. “Natal na fazenda”**

Para expor a análise dessa crônica de uma visita natalina, em um olhar nem sempre compreensível ao demonstrar o movimento familiar, a presença urbana na zona rural, família em um contato, que atinge suas diferenças vivendo juntos, em que todos

contribuem para o encontro que discorre na fazenda da família:

Alguém mata um leitão e recheia com tutu. A grelha da churrasqueira trabalha incessantemente e cospe inúmeros *T-bones*. Um chester e saladas das mais variadas em vasilhas de plásticos e travessas de metal ornamentam a ceia. Garrafas pet com cerveja caseira, vinho e suco resultante da colheita do ano são colocadas por cima de uma tábua de cinco metros estendida sobre quatro cavaletes, além do refrigerante para quem é de refrigerante. (AL'HANATI, 2019, p. 97).

A crônica representa como as visitas familiares demonstram uma sensação de estranhamento, existe uma falta de intimidade, o não se sentir da família. A avó, matriarca e o último elo familiar, a representação do amadurecimento. Agora isolada, sentada no canto, calada e ouvindo a conversa das mulheres ao fim do almoço. Lembrar-nos por exemplo, do conto de Clarice Lispector “Feliz Aniversário”, da dona Anita de 89 anos, sentada quieta na ponta da mesa, era a mãe de todos, que “pareciam ratos se acotovelando, sua família” (LISPECTOR, 1994, p.61). Mas, antes de chegarmos um pouco na própria crônica de Yuri, vamos a leitura sobre transmissão de experiência de Benjamin:

Só então compreenderam que o pai lhe havia transmitido uma experiência: a felicidade não está no outro, mas no trabalho. Tais experiências foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, a medida que crescíamos: ‘ele é muito jovem, em breve poderá compreender’. Ou ‘um dia compreenderá’. (BENJAMIN, 1994, p. 4).

Sobre as relações afetivas ou emocionais são momentos da crônica, que ao mesmo tempo ela se demonstra na insatisfação de estar viajando com a família, para um encontro familiar rápido, no qual se sente deslocado da família. Quando nós escutamos histórias da anciã unimos a família, a qual em sua crônica as pessoas não têm mais referência dos mais velhos, apenas os ignoram. As despedidas, que ao longo do percurso das despedidas demoradas, que mesmo depois do adeus



permaneciam no recinto. O ser muito jovem para compreender essas experiências, e ainda as piadas das famílias, sobre o seu estilo e suas roupas. E ser família, sem pretensão que dure.

Por certo, essas crônicas possivelmente trarão experiências, nas suas formas narrativas de como transmitiu ideias e práticas. São uma condensação de uma viagem contada, que transmite valores do tempo, da vivência com a família, experiências com os parentes, como um projeto social. Outras viagens que foram novos vetores de significação, que é na distância que se dá referência aos outros lugares. Tudo parece recebido dos ambientes visitados. Nesta perspectiva a construção de Walter Benjamin, sobre a narrativa que “a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

### 2.1.2. “O som do silêncio”

Como que foi dito antes, vamos pensar na crônica, por trás dos temas elaborou uma linguagem solitária, que pode descrever como um disfarce, de quem como na crônica “se abandona ao movimento das massas eufóricas em qualquer comemoração coletiva ou aglomeração voluntária” (AL’HANATI, 2019, p.147). Como no preceito de solidão em um quarto de apartamento. Foi esse lado que remete aos fenômenos sociais:

Sei muito que estou longe de estar sozinho em meu gosto pela solidão e pela solidão e pelo silêncio. Somos muitos, e um dia seremos milhões. Se tudo der certo para nós, jamais precisaremos nos unir para que ouçam nossas demandas sussurrantes. Por agora, deixo que as ruas vazias, as lojas fechadas e as boates às moscas falem de mim e por mim. Como em Mozart e Tool: as pausas ainda valem mais que os acordes.” (AL’HANATI, 2019, p. 148).

O sentimento de um homem para Bakhtin, em sua percepção da solidão; “interna e minha própria vida se inserem em meu eu que imagina e vê, não no eu imaginado e visto; não disponho em mim de uma reação emotivo volitiva capaz de dar vida ao meu próprio aspecto externo e de

contê-lo, daí esse vazio e essa solidão que o caracterizam.” (BAKHTIN, 2011, 51). Já se torna nítida a modulação de sinônimos da palavra “silêncio” e derivados da “solidão” penetrado em suas crônicas, isto é a participação na realidade, quando “o silêncio, a privacidade e a solidão não apenas passam a ser novas e urgentes necessidades como também ganham ares luxuosos em cidades inchadas e ruidosas.” (AL’HANATI, 2019, p. 148).

A impressão do leitor dirigida a linguagem simplificada, mas por trás de aspectos sociais que ficam na mira de sua janela. Com efeito, quando o narrador observa que há uma festa barulhenta, à sua primeira vista e o melhor a se fazer é fechar sua janela do quarto, para representar um espaço de forma estética como de um mosteiro, e assim conseguir fugir dos ruídos e das luzes. Segundo Cândido que atribuiu a crônica a algo que estabelece e restabelece a dimensão de coisas e pessoas em um cenário excelso fazendo uso de uma “revoada de adjetivos” (CÂNDIDO, 2003, p. 89).

### 2.1.3. “Quando eu era o inferno”

Atualmente, a relação que chama a atenção nessa crônica são os medos na infância e, de várias formas predizem como: o pesadelo, o mar, as lendas, o boneco Fofão, medo do pai e do pior “dos bate-bolas”. Trata-se de alguém com roupa colorida, bufantes feitas de cetim, usando máscara com cabelos desgrenhados, que batia no asfalto com uma bola barulhenta.

Correr do bate-bola foi o meu primeiro hábito paranoico bem fundado. [...] Mas nenhum desses medos exigia mais do que certa cautela. Correr e se esconder dos bate-bolas, por outro lado, era imperativo que exigia comportamento ativo de minha parte. O que acontecia com os que não corriam era algo que eu não me sentia tão curioso para descobrir. (AL’HANATI, 2019, p. 101).

Segundo o narrador, o medo causava uma certa correria, que acelerava o coração, enfim, emoções de pavor e medo. Para Freud, “o medo é, portanto, por um lado, expectativa do trauma; por outro lado, uma repetição atenuada dele” (Freud, 1977, p. 160). Os medos se desenrolaram como enredos em suas crônicas. Seriam traumas ficcionais ou histórias



verídicas, os medos na infância, associados a ansiedade. Essas manifestações indicam para Roussillon (2002, p. 56) “a experiência subjetiva não subjetivada que infiltra o presente perceptivo do sujeito”. Mais do que medo, uma ideia de pânico, algo que manipula o sujeito pelo choque. A superação do choque em especial foi reveladora:

[...] me tornei um. Minha roupa bicolor vermelha e negra ornava com os cabelos presos à máscara de tela de arame que se assemelhava em muito a um capacete de esgrima. Minha estrepitosa bola azul e branca assustava as tias e quem mais estivesse perto. Suava dentro do cetim, mas estava feliz com o mal introjetado, superado, compreendido, cooptado. (AL'HANATI, 2019, p. 102).

Trata-se no fundo, de uma construção quando se trata de psicanálise, a ameaça plasmada horrível, também se infiltrava no sujeito. Tudo ainda fascinava como ideia construída entre ambiguidade, abrir para novas perspectivas.

#### 2.1.4. “Janela para o real”

A viagem à África do Sul, muito diferente dos quartos de hotéis da Rússia, ou do quarto que chamou a atenção nos cenários de Londres. A Johannesburg que é construída e narrada, em uma perspectiva de um passado recente pelo narrador personagem, em uma condição urbana de algo singular aparentemente:

Os sul-africanos vão para casa cedo para valorizar o tempo com suas famílias, diz a brochura turística [...]. Joanesburgo é uma cidade sem lei, em que só o latrocínio garante algum tipo de atitude das autoridades. [...] um taxista já é oferecido com veemência logo na recepção. Pergunto ao porteiro exatamente o quão perigoso é andar por aquele horário, umas cinco da tarde. [...] ele me diz que eu posso andar por ali, mas [...] evite andar pela cidade a pé. Evite andar pela cidade. Evite andar. Evite a cidade. [...] Mulheres andam agarradas às bolsas, homens andam olhando para os lados o tempo todo, há grades nas portas e

nas janelas e os passos são sempre ligeiros. (AL'HANATI, 2019, p. 142).

Percebe-se em muitas de suas crônicas, Yuri Al' Hanati, também cita a sua cidade de Curitiba-Br, com o prisma de uma vista da sua janela, como nas suas viagens. Na medida que se adensava nossa leitura da sua volta ao lar, ao estar em uma cidade e seu estranhamento. “Há muito tempo, ao fim de uma tarde de outono, eu estava sentado a grande janela do café D... em Londres.” (POE, 1986, p. 390). Entre os textos há uma intertextualidade na crônica “O homem na multidão”, de Edgar Allan Poe, um enlace na narrativa do Poe, a partir da narração do personagem narrador:

Era noite fechada, e uma neblina úmida e espessa, que logo se agravou em chuva pesada, amortilhava a cidade, essa mudança de clima teve um efeito sobre a multidão, que logo foi presa de nova agitação sob um mundo de guarda-chuvas. [...] O queixo caiu-lhe sobre o peito, enquanto seus olhos se moviam inquietos, sob o cenho franzido, em todas as direções, espreitando os que o acoassavam. (POE, 1986, p. 397).

Os dois textos cerram a plena liberdade de observar pela janela, sem debates, com pontos em comum entre eles. A consciência de homens livres com apenas a necessidade de anunciar a vivência do ato. Segundo o autor Marcelo Alcaraz em sua obra *Amém Miséria*, sobre a impessoalidade da cidade grande. “Em uma cidade grande, as pessoas nunca sabem ao certo como estão os outros, a vida é uma eterna e vacilante apreensão do outro, cada pessoa contém um abismo, a verdade sempre escapa, oculta sob o tecido grosso da superficialidade e convenção.” (ALCARAZ, 2021, p. 39). Yuri, para encontrar o seu reconhecimento ao vir para uma cidade grande, o fez perceber, que o regresso ainda o coloca em inadequação e, o mesmo estranhamento que sente nos lugares em que viaja, parte de uma preocupação de perder os próprios referenciais visto de uma janela.

#### 2.1.5. “Distância”

Nessa crônica “Distância”, Yuri tem um olhar crítico e faz um mergulho em seu interior, todo o sentimento de solidão da experiência



vivenciada. Um sujeito que tematizou o eu, em uma região de exílio social. Ao mesmo tempo não se trata de cuidar da própria vida:

Por isso gosto de ficar sozinho. Por isso minha casa é pequena, e por isso prefiro ver um amigo de cada vez. Não tenho nenhuma foto na piscina, o churrasco com trinta pessoas, eu, uma cabeça entre tantos, escondido pela comunhão e pelo desejo coletivo de nos encontrarmos, de nos sentirmos bem-vindos uns aos outros. [...] por isso invejo famílias grandes, mas prefiro a minha pequena. Porque sei que família é distância. Porque sei que eu sou distância também. (AL'HANATI, 2019, p. 155).

Com base na família pequena e distância, mesmo na profundidade da alma, não sente saudade da família e se separa dos ambientes públicos. Para Paula Sibilia (2017), “o sujeito moderno não se explora apenas, mas ele também se inventa usando toda a força das palavras. Um ritual que depois se difundiria amplamente nas práticas cotidianas [...]”. (p. 134). O que liga com o pensamento de Jean-Jacques Rousseau (2007, p. 403 citado por SIBILIA, 2017, p. 135) “Quero mostrar a meus semelhantes um homem em toa a verdade da natureza a esse homem serei eu”. Mas, quando a distância é conveniente? Segundo o autor Yuri Al’Hanati não pactua com o leitor na crônica aquilo que irá fazer ou não em uma ficção. Um cronista, apenas abre seu vinho, pensa na solidão e é o que lhe cabe. Se perguntar quem “no final das contas ou quem nunca foi inadequado?

Um distanciamento, mesmo quando seu time joga, sendo o estádio vizinho ao seu prédio, sua atenção se volta ao seu interior. “Abro a janela do meu quarto para me debruçar e fico ouvindo ao longe o som de televisão fora do ar que dez mil vozes desconexas fazem quando amplificadas por uma concha de paredões de arquibancadas. [...] Fecho a janela e volto a minha atenção, mais uma vez, para dentro.” (AL'HANATI, 2019, p. 13). Yuri foi estratégico para a escrita do livro e compara a crônica com a fotografia Self o instantâneo da realidade. Com um olhar distante de detetive na lentidão de Curitiba, em que ser solitário é aceitável.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem referências ao fechar a janela do quarto. Um intelectual dentro da casca, ou um burguês no banheiro da rodoviária. Talvez ao ser defenestrado e ou no regresso de sua “ilha” observe o entorno de uma cidade, em que nunca se sentiu pertencente de sua cidade. A impressão para o leitor é dirigida a linguagem simplificada, mas por trás de aspectos sociais que ficam na mira de sua janela de um garoto de prédio.

De acordo com essa expectativa, se refere a um sujeito que traz o eu, e o adéqua a uma condição solitária, construídas em suas viagens e em seu quarto de seu apartamento. Agindo de acordo com suas próprias convicções e construídas através de seu foco de maneira interna ou externa. Para isso, foi analisada da teoria do teórico Bakhtin sobre a evidente dificuldade de estar em sociedade, da abertura do olhar do autor a partir de um lugar expiatório, do excedente de visão e responder de forma de compreender a subjetividade do modo de ser.

Yuri habita em um espaço no seu quarto, possui as experiências daquilo que se observa na janela. Governar a si mesmo e dominar o medo ao viajar em outros países, nessa análise foi feita a ótica de Freud, que consagrou a interação com o próprio medo, uma relação do sujeito consigo. Levando a uma identidade em sua crônica de escrita autobiográfica que definem ser possíveis discursos do auto Yuri Al’Hanati, segundo a obra de Lejeune, pois corresponde a uma autobiografia mesmo com o imaginário do lado da verdade.

### 4. REFERÊNCIAS

AL'HANATI, Yuri. **Bula para uma vida inadequada/** Yuri Al’Hanati – Porto Alegre: Dublinense, 2019.

ALCARAZ, Marcelo. **Amém miséria.** Coleção Burguês Assustado. Hecatombe, São Paulo. 2021.

BAKHTIN, Mikhail M. *Author and hero in aesthetic activity.* In: HOLQUIST, Michael; LIAPUNOV, Vadim (Eds.). **Art and answerability: early philosophical essays by M.M. Bakhtin.** Austin: University of Texas Press, 1990. p. 4-256.



BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. Tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. In.: **Escritos sobre mito e linguagem**. Ed. Jeane Marie Gaguebin. São Paulo: Duas cidades/ed. 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

CANDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In.: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Atica, 2003. p. 89-99.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In Edição Standard Brasileira das Obras **Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. XX). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1977.

GERALDI, João Wanderley. Palavras escritas, indícios de palavras ditas. **Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 09-25, 2003 Disponível em file:///C:/Users/Admin/Downloads/admin,+1+P.pdf Acesso em 05 de junho de 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

LISPECTOR, Clarrice. Feliz aniversário. In. **Laços de família**. Ed. 26. Francisco Alves. Rio de Janeiro. 1994.

POE, Edgar Allan. O homem das multidões. In: **Ficção completa, poesia e ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

ROUSSILLON, R. Le transfert délirant, l'objet et la reconstruction. In J. André, & C.

Thompson (Orgs.), **Transfert et états limites**. Paris: PUF.2002.

AL'HANATI. Yuri. Literatamy. Entrevista. 2019. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=eYNPO\\_ZfFIU](https://www.youtube.com/watch?v=eYNPO_ZfFIU) Acesso em 08 de junho de 2022.